

DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: CONTRIBUIÇÕES DE PROFESSORES COM FORMAÇÃO NO MÉTODO ONTOPSICOLÓGICO¹

Carmen Ivanete Spanhol², Noemi Boer³

Resumo: Esta pesquisa teve como objetivo relatar como professores do Ensino Superior, com formação no método ontopsicológico desempenham suas atividades de sala de aula. Para isso, na metodologia foi utilizada abordagem de cunho qualitativa processada por meio da análise fenomenológica. Os participantes da pesquisa foram seis professores universitários, de ambos os sexos, com tempo variável de experiência profissional no ensino superior, desenvolvido no contexto nacional e internacional. Para a coleta de dados foi utilizada a técnica de entrevista em profundidade, de caráter narrativo. Como resultado, observou-se que com a formação no método ontopsicológico, o educador adquire instrumentos que lhe permitem ultrapassar a reflexão e estar em constante reflexão-ação a cada novo fazer que coloca em prática. Ao agir compreende de imediato o retorno das reações, o que lhe possibilita a nova ação em conformidade com a realidade referente ao momento, naquele contexto.

Palavras-chave: Docência; Ensino superior; Método ontopsicológico; Reflexão-ação.

Teaching in higher education: contributions of teachers trained in the ontopsychological method

Abstract: This research aimed to report how higher education teachers trained in the ontopsychological method perform their classroom activities. For this, the methodology used was a qualitative approach processed through phenomenological analysis. The research participants were six university professors, of both sexes, with variable length of professional experience in higher education, developed in the national and international context. For data collection, the in-depth interview technique of a narrative nature was used. As a result, it was observed that with training in the ontopsychological method, the educator acquires instruments that allow him to go beyond reflection and be in constant reflection-action with each new action he puts into practice. When acting, he immediately understands the return of reactions, which enables him to take a new action in accordance with the reality of the moment, in that context.

Keywords: Teaching; University education; Ontopsychological method; Reflection-action.

¹ Artigo elaborado a partir da tese de doutoramento em Educação da primeira autora sob a orientação do Professor Dr. Leopoldo Briones Salazar – Universidad Del Mar, Chile.

² Doutora em Educação pela Universidad del Mar (UDELMAR – Chile/Revalidação UFSCar – Brasil). Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Especialização em Psicologia com abordagem em Ontopsicologia pela Universidade Estatal de São Petersburgo (SPbU – Rússia). Pós-graduada no MBA Business Intuition: o Empreendedor e a Cultura Humanista pela Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). Bacharel em Ontopsicologia pela Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). Professora da Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). E-mail: carmenspanhol@gmail.com.

³ Doutora em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Especialista em Psicologia com abordagem em Ontopsicologia pela Universidade Estatal de São Petersburgo (SPbU – Rússia). Especialista em Prevenção do Meio Ambiente pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Graduada em Ciências, Licenciatura Plena em Biologia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Dom Bosco (DOMBOSCO). Graduada em Pedagogia pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Professora da Universidade Franciscana (UFN). Professora da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). E-mail: nboer@terra.com.br.

La docencia en la educación superior: aportes de docentes formados en el método ontopsicológico

Resumen: Esta investigación tuvo como objetivo relatar cómo los profesores de educación superior formados en el método ontopsicológico realizan sus actividades de aula. Para ello, la metodología utilizada fue un enfoque cualitativo procesado a través del análisis fenomenológico. Los participantes de la investigación fueron seis profesores universitarios, de ambos sexos, con duración variable de la experiencia profesional en la educación superior, desarrollada en el contexto nacional e internacional. Para la recolección de datos se utilizó la técnica de la entrevista en profundidad de carácter narrativo. Como resultado se observó que con la formación en el método ontopsicológico, el educador adquiere instrumentos que le permiten ir más allá de la reflexión y estar en constante reflexión-acción con cada nueva acción que pone en práctica. Al actuar, comprende de inmediato el retorno de las reacciones, lo que le permite tomar una nueva acción de acuerdo con la realidad del momento, en ese contexto.

Palabras clave: Enseñando; Enseñanza superior; método ontopsicológico; Reflexión-acción.

1 Introdução

Estudos na área da educação mostram que as ciências humanas acompanharam o percurso característico das ciências da natureza. Trataram-se os fenômenos educativos como se pudessem ser isolados e alcançados em laboratórios. Característica marcante dessa compreensão “era a crença numa perfeita separação entre sujeito de pesquisa, e o pesquisador, e seu objeto de estudo” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 4).

A separação entre sujeito e objeto desdobrou-se em polaridades excludentes com as quais se aprendeu a pensar e a conceber as coisas, a natureza, a educação e o próprio ser humano de forma isolada e linear. Essas características marcaram o paradigma mecanicista, que predominou até as últimas décadas do século XX. No entanto, os problemas decorrentes desse paradigma não podem ser analisados de modo isolado, tendo em vista que, cada situação interfere na outra e os processos se entrelaçam. Isso forçou o surgimento de um novo paradigma científico, ancorado na racionalidade

complexa e interdisciplinar, denominado paradigma da complexidade, ou pensamento complexo (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003). Essa concepção representa a possibilidade de se encontrar caminhos para o desenvolvimento da humanidade de forma mais sustentável, justa e solidária.

Ao tratar o tema: paradigma da complexidade na educação superior, Behrens (2006, p. 20) compreende que “o paradigma inovador que acompanha a Sociedade do Conhecimento exige mudanças profundas no que se refere à visão de mundo, de homem, de tempo, de espaço, entre outras”. Acrescenta que essas mudanças afetam especialmente a Educação Superior. Isto implica numa postura ética dos envolvidos no processo educacional e “demanda repensar a educação superior, em especial, a prática pedagógica dos professores” (BEHRENS, 2006, p. 29).

A inclusão do pensamento complexo na área educacional se justifica porque fatos e objetos do conhecimento não podem mais ser pensados e analisados com os recursos mentais pautados no pensamento de linearidade. É preciso con-

siderar que o homem pode ser entendido como um sistema aberto, de relações e interações. (SPANHOL; BOER, 2011). Então, um olhar cuidadoso acerca da educação, que envolve uma consciência planetária, requer que a aprendizagem do indivíduo seja contínua, ao longo da vida. Meneghetti (2007) corrobora com Zabalza (2004) de que no processo de formação está implícita a continuidade ao longo da vida: *Life long Learning*.

Com os constantes progressos sociocientíficos e tecnológicos, há uma exigência de atualização dos saberes relacionados à prática pedagógica. A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) entende que a educação, “Deve fazer com que cada indivíduo saiba conduzir o seu destino, num mundo onde a rapidez das mudanças se conjuga com o fenômeno da globalização para modificar a relação que homens e mulheres mantêm com o espaço e o tempo” (DELORS, 2001, p. 105).

Arroyo (2008, p. 9) esclarece que “trabalhar com a educação é tratar de um dos ofícios mais perenes da formação de espécie humana”, tendo em vista que os docentes se orientam por “saberes e artes aprendidas desde o berço da história cultural e social”. Em contraponto, Darós e Tescarolo (2007, p. 113) salientam que “cabe à escola, [...] criar e alimentar essa nova consciência planetária, que deve resultar na promoção de um desenvolvimento sustentável e integrado”.

Considera-se, portanto, que nesse momento histórico se vive a transição do paradigma cartesiano ao paradigma complexo com evidências, cada vez mais claras, das necessidades de diálogo entre diferentes saberes e categorias

epistemológicas. Essa compreensão é fundamental para se repensar a dimensão humana na educação e apontar caminhos para essa ação.

Estudo realizado por Vasconcellos (2011, p. 229) apresenta entre as concepções e valores “o reconhecimento da importância da relação humana com os alunos e a importância da forma de relacionamento que se estabelece entre professores e alunos”. A autora acrescenta que nas atitudes cotidianas da prática pedagógica encontra-se o compromisso com as dimensões do trabalho, dos alunos, da instituição e da educação. Argumenta ainda que: “É justamente esse compromisso que falta na postura de alguns docentes” (p. 230). Esse aspecto é identificado pela autora, em relatos de professores, que indicam descompromisso e desmotivação com a profissão.

Pensar a qualidade do ensino é compromisso na carreira docente, bem como refletir sobre a prática de sala de aula amplia a visão do modo como o professor desenvolve a docência. Isso implica numa concepção teórica que, segundo Lima e Grillo (2008, p. 22) compreende três elementos: “conhecimento, professor e aluno”. A concepção teórica que ampara as práticas dá o suporte de como organizar os elementos do processo educativo, bem como contribui com o compromisso profissional. As autoras supracitadas consideram que a “pedagogia centrada na relação, aluno, professor, objeto do conhecimento [...] é a que fundamenta os processos de ensinar e de aprender na perspectiva da construção do conhecimento” (LIMA; GRILLO, 2008, pp. 22-23).

Nóvoa (2009, p. 15), declara ser “impossível separar as dimensões pessoais e profissionais. Que ensinamos aquilo que somos e que, naqui-

lo que somos se encontra muito daquilo que ensinamos”. Acrescenta que, cabe aos “professores se prepararem para um trabalho sobre si próprio, para um trabalho de autorreflexão e de autoanálise” (p. 15).

Entende-se que o professor e a sua pessoa compreendem uma unidade e como tal devem transmitir essa unidade no seu fazer, visto que, o compromisso com a profissão de educador requer um profissional em constante novidade de ser. Spanhol e Boer (2011) consideram que esta não é tarefa fácil, pois exige do docente um desacomodar dos seus estereótipos arraigados ao longo dos anos de vida pessoal, afetiva familiar e social com reflexos na atuação profissional.

Tendo como pano de fundo a sala de aula e a relação professor aluno narra-se, neste artigo relatos de professores do ensino superior que fizeram formação complementar segundo o método ontopsicológico. A aplicação deste método para resolver o problema do conhecimento humano se constituiu num corpo teórico-prático, validado pela Cátedra de Ontopsicologia, na Faculdade de Psicologia, da Universidade Estatal de São Petersburgo – SPBU/RU. Longe de pretender que este método se torne solução para resolver todos os problemas da docência ou do Ensino Superior, corrobora-se o pensamento de Vidor (2013) de que a Ontopsicologia é uma proposta de regeneração da vida uma vez que a sua compreensão permite esta passagem.

O termo Ontopsicologia foi sugerido por Sutich, em 1956, em Paris, durante uma reunião com a presença de personalidades da época como: Carl R. Rogers, Rollo May, Abram Maslow, Anthony Sutich, entre outros. Posterior-

mente, o italiano Antonio Meneghetti formalizou e consolidou esta teoria. Segundo ele, “A Ontopsicologia nasce de uma tomada de consciência sobre o estado de confusão de toda a pesquisa feita por milênios na história humana” (MENEGHETTI, 2010, p. 115). Desse modo, o autor deixa claro que esta ciência não se configurou como necessidade de resolução de problemas particulares, e sim para resolver o problema crítico do conhecimento.

A Ontopsicologia se ocupa do homem, como a natureza o constituiu e não como a cultura o determina. Isto significa que, para analisar o homem, deve-se procura o princípio nas causas daquilo que a pessoa o vive, na sua história pessoal, atrelado à sua cultura. De acordo com Meneghetti (1997, p. 29) o conhecimento ontopsicológico “é uma proposta prático-intelectiva para agir em modo racional a intervenção segundo a normativa das interações sócio naturais da vida, quando dá preferência ao homem indivíduo e global”. Em outra passagem, o autor define esse conhecimento como: “estudo dos comportamentos psíquicos em primeira atualidade, não excluída a compreensão do ser” (2004, p. 19).

Para Spanhol e Boer (2015), os professores que buscam o processo contínuo de formação na perspectiva do Método Ontopsicológico, têm presente que, não é simplesmente dispor-se a estudar novos conceitos e aprender uma nova teoria. É ter consciência, em primeiro lugar, de decidir ser para si. Esta ideia está fundamentada na expressão latina *Essere per se*, no sentido de transpor os estereótipos aprendidos na dialética social, ou seja, de ser pessoa autônoma e com capacidade de novidade de si mesmo. É uma mudança que implica em ter a humildade para

mudar o modo de pensar, isto é, fazer metanóia⁴.

O conhecimento ontopsicológico dá a possibilidade ao intelecto colher a lógica do ser e, desse modo, permite o fundamento ontológico à consciência humana. Nas palavras de Vidor (2013), o conhecimento ontopsicológico “não só complementa a fenomenologia de Husserl, tornando-a aplicável de modo concreto, como sustenta o valor do saber filosófico autêntico: a Ontologia” (p. 133). O autor esclarece a relação entre Fenomenologia e Ontopsicologia e entende que a Ontopsicologia “[...] não só responde ao apelo de Husserl, mas cientificamente fundamenta sua proposta fenomenológica” (2013, p. 11). Enfatiza que a Ontopsicologia responder aos questionamentos de Husserl porque “[...] mediante a descoberta do *campo semântico*, confirmada através da experiência, tornou evidente o modo de comunicação da vida com a vida. Mediante tal experiência, foi possível ter evidência da continuidade e da unidade interna entre indivíduos e os corpos numa única natureza” (2013, p. 57, grifo do autor).

Campo semântico é definido por Meneghetti (2012, p. 38) como “comunicação base que a vida usa no interior das próprias individualizações”. Comunicação base porque é uma informação natural, que ocorre entre os indivíduos, em antecipação aos símbolos, antes dos sentidos, das emoções e da consciência. Portanto, por meio de campo semântico, se pode compreender a comunicação na raiz das causas (SPANHOL, 2013).

⁴ Metanóia: Palavra de origem grega, metanóia (μετανοεω) significa “mudo a mente” (MENEGETTI, 2012, p. 172). Em outra obra o autor define metanóia como “aprender a si mesmo segundo a ótica da própria identidade de natureza” (2010, p. 112).

É por meio da compreensão da comunicação inconsciente que o autor da Ontopsicologia chega a três descobertas: campo semântico (transferência), Em Si ôntico (essência virtual e formal) e monitor de deflexão (distorção). No decorrer da sua prática clínica observou que os pacientes emanavam pulsões oriundas do inconsciente e que continham informações precisas sobre o real estado do indivíduo. Essa informação foi denominada campo semântico, a primeira descoberta a ser aplicada e descrita. A partir dela, o autor identificou, isolou e caracterizou o Em Si ôntico e o monitor de deflexão (MENGHETTI, 2010).

Das três descobertas, aquela considerada a mais importante, também conhecida como critério epistêmico ou critério de natureza, é o Em Si ôntico. Este critério, caracteriza-se como o núcleo energético descoberto no interior de cada ser humano e que possui uma inteligência própria. “O Em Si ôntico é a forma ‘inteligente’ do mundo-da-vida, ao construir o indivíduo. Para além do núcleo do Em Si ôntico existe o nada da individualização; do Em Si ôntico em diante existe a medida do homem” (MENEGETTI, 2010, p. 29). O autor também define Em Si ôntico como: “princípio formal inteligente que faz autóctise histórica” (2012, p. 84).

Referente ao monitor de deflexão, Mendes (2009, p. 125), explica que “nos processos secundários do cérebro, exatamente antes do efetuar-se da síntese última do conhecimento (depois da qual desencadeia a decisão voluntária), existe um elemento acrescentado que não faz parte da estrutura natural do humano”. Este aspecto da estrutura humana é um programa acumulado no interior de sinapses neuronais. O seu primeiro efeito é a subtração da consciên-

cia, tornando o humano inconsciente de si mesmo. Segundo Meneghetti (2010), o monitor de deflexão instala-se antes da fase egoceptiva, de modo que a síntese do conhecimento será desviada do real, da informação única, ou seja, a informação, ao alcançar o Eu não é mais reflexo único do total perceptivo.

O conhecimento referente às três descobertas é pressuposto à compreensão do método ontopsicológico. Assim, a formação com base nesses princípios prepara o professor para utilização deste método em sua vida pessoal e profissional.

O método ontopsicológico é definido como “processo racional indutivo-dedutivo com novidade dos princípios complementares do campo semântico, Em Si ôntico e monitor de deflexão” (MENEGETTI, 2010, p. 131). Para o autor, quando se quer compreender o humano, é necessário usar o ser humano por inteiro. Portanto, o método se denomina bilógico porque utiliza a lógica racional indutiva-dedutiva e os parâmetros intuitivos, não previstos pela razão. Vidor (2013, p. 21) reafirma que “[...] esta metodologia permite o acesso à interioridade do homem para provocar um processo de correção da consciência do mundo-da-vida”.

Conforme apresentado por Spanhol e Boer (2015) a aplicação prática do método ontopsicológico se dá em qualquer campo do saber e permite ao ser humano colocar-se em contato com as causas primeiras. Assim, segundo descreve o próprio autor do método, para a sua utilização, são necessárias três preparações: i) conhecimento sobre a teoria ontopsicológica; ii) exatidão do pesquisador, que implica em autenticidade de pessoa, realizada por meio da metanóia contínua; iii) conhecimento do campo

semântico. Esses três elementos são imprescindíveis contemporaneamente (MENEGETTI, 2010).

Portanto, ao considerarmos os argumentos do autor do método ontopsicológico, para seu emprego, a premissa básica é um convite a ser simples e colher a lógica da vida, o critério de natureza – o Em Si ôntico. Esta é também a condição basilar para ser um pesquisador exato. “A práxis ontopsicológica consiste na identificação, isolamento e aplicação do Em Si ôntico, restituindo ao homem a capacidade de autenticação e de evolução na própria existência” (MENEGETTI, 2006, pp. 7-8).

Partindo das colocações apresentadas nesta seção, a reflexão que se propõe neste texto parte da compreensão de que o desconhecimento de si próprio e a possível frustração derivada disso, leva à agressividade inconsciente que se manifesta na relação com o outro, neste caso, na relação professor-aluno. Portanto, determinadas indisciplinas, passividade e desmotivação para a aprendizagem possivelmente se associam à dinâmica gerada por frustrações não conscientizadas, tanto do professor quanto do aluno. Portanto, objetivamos relatar, aqui, a maneira como professores do Ensino Superior, com formação no método ontopsicológico, compreendem o trabalho docente e desempenham suas atividades de sala de aula.

2 Metodologia⁵

A abordagem utilizada na pesquisa aqui apresentada foi de cunho qualitativa processa-

⁵ A explanação completa sobre metodologia aplicada à pesquisa, da qual se configura o presente texto, está descrita em Spanhol (2013).

da por meio da análise fenomenológica. Taylor e Bogdan (1987) explicam que, na concepção qualitativa, a perspectiva fenomenológica é essencial. Moreira, (2004), considera que o enfoque fenomenológico apresenta diferentes modos de condução da pesquisa, mas o ponto de partida deste tipo de investigação é a compreensão do viver do próprio homem. Isto implica em ter uma atitude de abertura, livre de pré-conceitos e pré-julgamentos sobre o objeto de estudo. Esta ideia é reforçada por Masini (2010) ao considerar que não existe um único método fenomenológico e sim, uma atitude do pesquisador diante do fenômeno a ser analisado.

Sánchez Gamboa (2010) entende que na pesquisa fenomenológica é necessário compreender os fenômenos, captar os significados e desenvolver seus sentidos. O autor acrescenta que “a compreensão supõe uma interpretação, uma maneira de conhecer seu significado que não se dá imediatamente; razão pela qual precisamos da interpretação (hermenêutica)” (2010, p. 111). Cabe esclarecer que para a compreensão interpretativista pressupõe do pesquisador o emprego da análise com base no método do círculo hermenêutico, descrito por Schwandt (2006).

Os participantes da pesquisa foram seis professores universitários, de ambos os sexos, com tempo variável de experiência profissional no ensino superior, desenvolvido no contexto nacional e internacional. Utilizou-se como critério de inclusão profissionais com formação no método ontopsicológico. A formação acadêmica dos entrevistados é diversificada, compreendendo: 1 - graduado em Pedagogia,

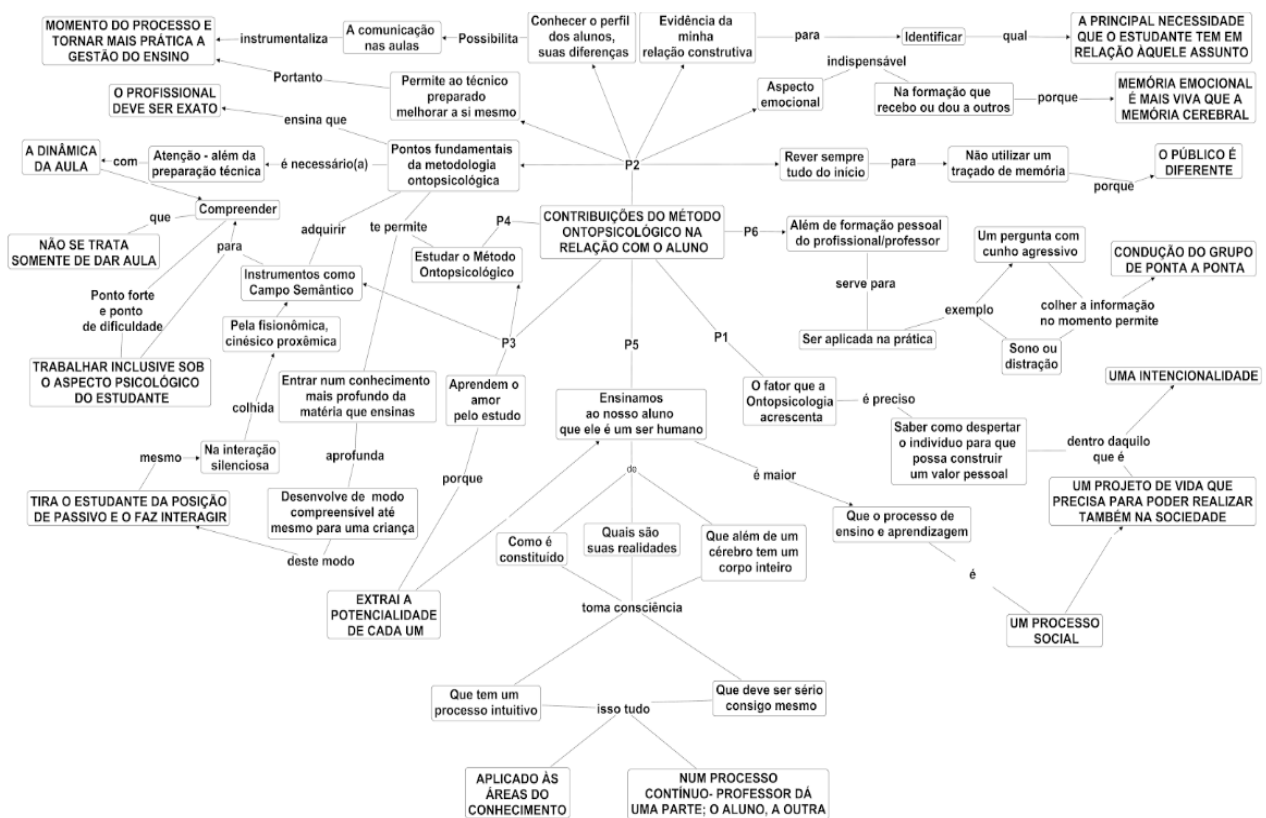
Filosofia e Teologia com mestrado e doutorado em Filosofia; 1 - graduado em Ciências Sociais e Políticas, doutor em História Econômica; 1 - graduado em Pedagogia com mestrado e doutorado em Educação; 1 - graduado em Musicoterapia com mestrado e doutorado em Psicologia; 1 - graduado em Administração com mestrado e doutorado na mesma área e, 1 - graduado em Jornalismo com mestrado em Comunicação e em fase de doutoramento na mesma área. Neste estudo, os participantes são identificados pela letra P (Professor) seguido de um número a eles atribuído, assim caracterizado: P1, P2 ...P6.

Para a coleta de dados foi utilizada a técnica de entrevista em profundidade, de caráter narrativo. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas para análise. Os dados sociodemográficos foram registrados em ficha e, no decorrer da pesquisa, foi realizada uma coleta de informações. Os dados identificados nos relatos dos participantes estão representados na forma de um mapa conceitual (MOREIRA, 2010) e exemplificados em fragmentos de textos.

3 Resultados e Discussão

Nesta seção, são apresentadas e analisadas passagens em que os entrevistados relatam a maneira como procedem em sala de aula, principalmente na relação com o aluno. A sistematização do tema está representada na Figura 1.

Figura 1 – Mapa conceitual referente às contribuições do método ontopsicológico na relação professor com o aluno



Fonte: Elaborado pelos autores (2013).

Em uma análise geral do mapa pode-se identificar que, entre os seis participantes, quem elucida o maior número de aspectos é P2. Observa-se também que as inter-relações entre conceitos e entendimentos verbalizados nas entrevistas são complementares, o que mostra coerência no entendimento e aplicação do método em questão. Todos os participantes enfatizam a formação do ser humano como primordial na aplicação do método. Disso decorre, também, o tipo de relacionamento que o professor estabelece com o aluno: promove a autonomia do sujeito, a responsabilidade frente às tarefas e frente a sua vida. Assim, as contribuições da aplicação do método ontopsicológico no campo educacional diz respeito à formação da pessoa do aluno enquanto sujeito biopsicossocial. Esta formação vai além da preparação técnica científica proporcionada pelos conhecimentos acadêmicos. Na aplicação do método ontopsicológico o professor deve estar atento às diferenças, sejam elas de ordem pessoal, cultural, social ou técnica. Enfim, a tudo aquilo que possa fazer diferença àquele grupo ao qual se dirige no momento da sua aula, conforme relato de P2, a seguir:

Estou muito atento quando vou a outro país. O primeiro contato que tento fazer é entender como comem, como bebem, como descansam, que estilo de vida quotidiana têm, porque isso me permite facilitar a comunicação durante a aula. Então, entender as suas pausas, quanto tempo podem resistir escutando, quando têm necessidade de descansar; que é uma

outra coisa que geralmente já se perdeu nas Universidades. Quer dizer, se é uma hora de aula, precisa-se fazer uma hora de aula custe o que custar, mesmo que todos os estudantes durmam e isso é grave, porque, na verdade o estudante é a aula, a aula não é a hora da aula. [A aula] dura o tempo que é necessário para repassar aquela informação. Então, é necessário que se tenha uma enorme atenção, além da preparação técnica, com tudo aquilo que é a dinâmica da aula. Na minha opinião, [esses] são os pontos fundamentais que a metodologia ontopsicológica fornece (P2).

Em síntese, de acordo com P2, na aplicação do método ontopsicológico o professor precisa: i) entender o modo de vida dos alunos; ii) detectar a capacidade de resistência da turma; iii) entender que o estudante determina o período de duração da aula e a profundidade em que os conteúdos podem ser abordados; iv) ter preparação técnica e capacidade de compreender a turma.

Segundo esse mesmo entrevistado, a dinâmica de sala de aula, com base teórica no método ontopsicológico, parte da ideia de que não se trata apenas de repassar conteúdos, mas trabalhar o aspecto psicológico do estudante para tirá-lo de uma posição passiva e fazê-lo interagir. Para um professor que não tem clareza de como funciona a dinâmica inconsciente, pode se equivocar na compreensão do grupo. Essa observação reforça a ideia de que o êxito profissional advém do domínio do conhecimento técnico-científico da disciplina que o professor leciona e da sua capacidade de compreensão do comportamento humano. Esta dimensão confere respeito à figura do professor que sabe servir segundo a necessidade do momento. Para isso, a posição do professor é ingressar no conhecimento de modo mais profundo, desenvolvê-lo e torná-lo compreensível, conforme o seguinte relato.

Aprofundar, quero dizer: desenvolver aquele assunto de modo compreensível até mesmo para uma criança. Por quê? Porque a criança, por exemplo, é aquela que mais do que todos tem uma enorme disponibilidade de escuta, mas é aquela que tem um mais baixo nível de conhecimento racional em relação a um adulto. Portanto, à medida em que você é capaz de simplificar aquele assunto, de modo que seja compreensível para qualquer tipo de público, consente ao teu público de se sentir parte da aula (P2).

Neste relato, P2 reforça a necessidade de o professor atingir o aluno. Para isso, propõe que o professor deve tornar o conhecimento compreensível e tirar o aluno da posição de inércia que o obriga a entrar numa posição ativa de interação. O entrevistado argumenta que essa interação “pode ser também silenciosa, mas, de qualquer forma, você percebe isto pelos aspectos fisionômico, cinésico, proxêmico, antes do linguístico” (P2). Esses aspectos funcionam como canais para fazer a diagnose do contexto e do sujeito, no momento da ação, conforme explica Meneghetti (2010). Essa compreensão está de acordo com a proposição de que “o trabalho do professor consiste na construção de práticas docentes que conduzam os alunos à aprendizagem” (NÓVOA, 2009, p. 12). No entanto, isso não é tudo. O professor precisa ter consciência exata de si mesmo para perceber o que realmente os alunos necessitam em determinado momento e contexto. Essa habilidade possibilita neutralizar resistências e conflitos como se referem P3 e P6.

Quando o aluno se coloca em resistência, não se confronta, porque se bater de frente ele fica mais rígido ainda, [...] mudar-se a estratégia. Com isso, se possibilita que o aluno tenha mais confiança no trabalho do professor e aprenda outras coisas sobre si mesmo. E, [leitura de] campo semântico é fundamental para o sucesso da aula (P3).

[...] quando uma pergunta do aluno, que tem de fundo uma agressividade, porque um determinado conteúdo tocou num aspecto existencial daquela pessoa, e que racionalmente ela não concorda, você não responde com agressividade. Possivelmente, alguém que não tivesse um conhecimento intuitivo que permite colher a real intenção daquela pergunta, poderia entrar numa dialética de confronto com o aluno (P6).

Compreender a base do comportamento de resistência do aluno e os conflitos associados requer o entendimento de que a aula não é somente trabalhar conteúdo da disciplina. Os conteúdos são importantes, mas compõem apenas uma parte do ato educativo. Ao aplicar o método ontopsicológico, com a utilização das três descobertas o professor terá, “a possibilidade de conhecer em antecipação aquilo que entrará no processo histórico-biológico para o sujeito” (MENEGETTI, 2001, p. 10). Então, para facilitar o desenvolvimento de uma aula, é preciso entender o que está implícito no comportamento do aluno, conforme expressa (P2).

[...] estudantes que têm uma forte estrutura de complexo de inferioridade e não manifestam, abertamente, a sua dificuldade de compreensão, tendem a dizer sempre sim com a cabeça “está tudo claro, está tudo claro”, sem ter entendido nada, por medo de demonstrar as suas dificuldades. A técnica ontopsicológica ajuda muitíssimo, exatamente, a identificar a necessidade real que o estudante tem. Portanto, você pode dar duas vezes a mesma aula, inclusive com o mesmo grupo, e viver duas experiências completamente diferentes, porque, obviamente, você está trabalhando sob o aspecto dinâmico e psicológico da pessoa (P2).

Do exposto por P2 se conclui que, quando a aula é monótona, com pouca intervenção dos alunos, a leitura que se deve fazer é que o silêncio do aluno pode encobrir suas dificuldades. Um professor que não tem clareza de

como funciona a dinâmica inconsciente, pode se equivocar na compreensão do grupo. O que se constata, nos relatos dos entrevistados, reforça a ideia de que o êxito profissional advém do domínio do conhecimento técnico da disciplina que o professor leciona e da sua capacidade de compreensão do comportamento humano. Esta dimensão confere respeito à figura do professor que sabe servir segundo a necessidade do momento. Nesse caso, “se vai além da relação professor-aluno, se entra também em uma relação entre a pessoa que se deve naquele momento servir, isto é, eu, e o aluno que deve receber aquele serviço” (P2).

Na sequência, P2 defende que durante a aula, o professor deve explicar aos alunos como um cientista chegou a determinado conhecimento. Indica que não basta o professor saber o conteúdo de sua disciplina, ele necessita conhecer os processos da construção da ciência que ensina:

Durante a aula, o professor deve explicar aos alunos como aquele cientista fez aquela descoberta, quais foram as passagens técnicas e deve simplificar aquele trabalho. Isto geralmente não ocorre, porque, o professor tem medo de mostrar-se simples, tem medo de demonstrar uma relação mais natural com o estudante, porque perderia a chamada “função da Cátedra”. [...] Pode-se correr o risco de criar um excesso de confiança, mas é um risco calculado, porque na maior parte dos casos, o estudante entende que o professor está se colocando à sua disposição (P2).

Este entrevistado reforça que convém ao professor se colocar numa posição de empatia com o aluno porque a capacidade de se pôr no lugar do outro, faz com que o docente atinja o nível elementar em que os alunos ainda se encontram. Mostra também a necessidade de ter humildade, tanto diante do conhecimento científico, quanto da condição humana. Portanto,

exige a constante revisão no seu fazer como se observa a seguir.

[...] posso te garantir que cada vez que eu preparo uma aula para um grupo, mesmo sobre um assunto que conheço decor, eu refaço sempre tudo do começo e esta é a maior oportunidade que a Ontopsicologia me deu, isto é: aprender a rever, sempre, tudo desde o início, como se estivesse vendo aquilo pela primeira vez. Exatamente para não utilizar a memória, de alguma coisa que já tenha acontecido ou sido explicado (P2).

A riqueza de dados verbalizados por P2 reforça a necessidade constante de revisão do conteúdo e das metodologias utilizadas pelo professor o que permite a introdução de novidades a cada aula, mesmo com a repetição do conteúdo já trabalhado.

Wazlawick (2013) corrobora os argumentos de P2 ao afirmar que “A Ontopsicologia é uma análise científica, racional, que faz a revisão crítica da consciência [...] é um método que consente uma técnica de verificação” (p. 98, tradução nossa). Portanto, aplicam-se nas mais distintas situações em que o humano se encontra e, como agente do conhecimento, lhe permite tomar decisões.

Também corroboram com o exposto por P2, as proposições de P5, relatadas a seguir. Essas chamam a atenção para a formação contínua do professor e do aluno. Acentuam que, além dos conhecimentos específicos da disciplina, deve ser ensinado ao aluno a sua condição humana, para que ele tome consciência de suas potencialidades e, desse modo, o professor contribua com o processo social.

Então, a visão de homem [da Ontopsicologia] passa por todo o processo de ensino, [...] conhecimento de cultura, conhecimento artísti-

co. [...] essa base de conhecimento também serve nas aulas. Então, tem a organização, mas tem o homem que faz a organização [...] a gente ensina ao aluno que ele é um ser humano. Assim, ele passa a entender como ele é constituído, quais são as realidades. Ele passa a ter consciência que ele não tem só um cérebro, [...] que ele tem um corpo inteiro, que ele tem um processo intuitivo, de como reconhecer isso e como ser sério consigo mesmo. [...] o processo de formação é sempre contínuo, só que o professor dá uma parte, o aluno tem que dar a outra (P5).

Segundo Arroyo (2008), ensinar e aprender a ser humanos requer uma reinterpretção no ofício de ensinar. Para o autor pode-se aprender várias disciplinas sozinhos, “porém não aprendemos a ser humanos sem a relação e o convívio com outros humanos que tenham aprendido essa difícil tarefa. Que nos ensinem essas artes, que se proponham e planejem didaticamente essas artes. Que sejam pedagogos mestres desse humano ofício” (p. 54).

Mendes (2009, p. 67, grifo do autor), assevera que o “método ontopsicológico analisa contemporaneamente os fatos e conhece suas causas, possibilitando ao pesquisador atuar sempre na realidade *hic et nunc* (aqui, agora e assim)”. Tem-se desse modo que, o método proposto é um modo de análise que se aplica às diferentes áreas do conhecimento humano de intervenção humanista-profissional. Neste viés, segundo Meneghetti (2004b, p. 159, grifo do autor), “*A verdade do objeto observado é certificada e evidenciada no interior da subjetividade do conhecedor*”.

P6 sumariza as contribuições do método ontopsicológico na prática docente, exemplificando como ocorre a dinâmica em sala de aula. Observa-se na situação relatada a seguir que para ter o domínio da turma, do início ao fim de uma

aula, o professor não pode guiar-se apenas pela lógica racional.

[...] um determinado aluno que começa a ter sono durante a aula, você colhe essa informação [sono] no momento em que ela começa a atuar naquele indivíduo. Faz uma determinada ação, ou dá uma determinada direção e não permita que essa informação se dissemine pelas pessoas que estão em volta, e você perca a turma inteira por uma distração, ou por um sono, ou por uma fome, ou por qualquer outra informação que, naquele momento, não é funcional ao andamento do grupo [...] (P6).

Entende-se que, com o conhecimento intuitivo, o professor consegue colher a informação de maneira mais completa do que utilizando simplesmente a razão, o que possibilita a “condução do grupo de ponta a ponta” (P6). Cabe esclarecer que a Ontopsicologia dá a base ao método ontopsicológico. Esse conhecimento compreende dois pontos essenciais: i) uma técnica de análise que permite verificar se as lógicas de comportamento do Eu consciente, coincidem com os impulsos ou intuições do Em Si ôntico; ii) é um conhecimento crítico existencial e interdisciplinar. É baseado sobre a descoberta do Em Si ôntico e a aplicação desse como critério elementar e universal. (MENEGETTI, 2001).

Das colocações de P6 conclui-se que a leitura intuitiva da dinâmica da aula, colhida por campo semântico, permite ao professor não cair no “jogo” do grupo e conduzir com sucesso o seu trabalho. A capacidade de identificar, por exemplo, o sono ou a agressividade de um aluno, lhe possibilita manter os demais em atenção, isto corresponde à aplicação do método ontopsicológico, momento a momento, no contexto pedagógico. Reforça-se que a aplicação deste método pressupõe, da parte do professor, uma apurada

consciência de si mesmo para ser exato na ação. A exatidão humana dá a condição de leitura de campo semântico. Essa compreensão perpassa as falas de todos os participantes da pesquisa. P1 reafirma, na fase de coleta dos dados de pesquisa, a necessidade de distinguir a intencionalidade (consciente ou inconsciente), e confirma suas posições expressas na primeira entrevista.

[...] a tecnologia de hoje, ameaça a pessoa a ser reduzida a um mero objeto de manipulação. E é exatamente isso que pode ocorrer quando, nas universidades, a gente apenas salienta a necessidade de conhecer as técnicas para o exercício da profissão, e se esquece de cultivar o valor da pessoa para que ela possa construir-se com dignidade e também com respeito. Isto não se observa dentro das universidades [...]. E é exatamente esse o fator que a Ontopsicologia acrescenta: não basta dar o conhecimento tecnológico, é preciso saber como despertar o indivíduo para que ele possa construir o valor pessoal dentro daquilo que é uma intencionalidade e dentro daquilo que é um projeto de vida que ele precisa para poder se realizar (P1).

Defende-se neste trabalho que, para desenvolver o crescimento intelectual dos seus alunos, o professor precisa reunir duas habilidades: domínio técnico (teoria e prática) e capacidade de leitura intuitiva. As duas questões caminham juntas porque, para realizar um trabalho de bom nível, é necessário conhecimento de causa e vontade de ação concreta. Esse entendimento fundamenta-se na compreensão do método ontopsicológico, tendo em vista que a sua aplicação, consente ao profissional “individualar e ler de modo exato a racionalidade sobre a intuição” (MENEGETTI, 2001, p. 12).

Na atualidade, a ênfase à formação de professores está centrada no conhecimento de teorias e de práticas pedagógicas. Neste estudo

identificou-se a necessidade de aliar a esses aspectos um terceiro elemento que envolve a pessoa do professor o que também foi proposto por Nóvoa (2009). Para esse autor, o professor ao ensinar se apresenta com aquilo que é, e o seu modo de ser, aparece naquilo que ensina. No entanto, para Spanhol (2013), o conhecimento relativo ao método ontopsicológico amplia a consciência do professor o que lhe oportuniza agir no contexto educacional de modo preciso, momento a momento.

Ampliar o domínio do conhecimento específico e da cultura geral é condição básica no que tange a profissão docente. Porém, com as contribuições dos pesquisados, que aplicam o método ontopsicológico, na prática docente no Ensino Superior, destaca-se que o professor precisa: ter humildade e reconhecer seus limites e possibilidades enquanto ser humano, que vão além da sua formação acadêmica; ter claro que existe diferença entre saber e saber ensinar; compreender que o estilo de vida do docente emite constantemente comunicação consciente e inconsciente, de modo permanente e com maior intensidade que suas verbalizações; enquanto o professor ama o que faz, transmite aos seus alunos esse sentimento; mudar a mente e ampliar a consciência de si, exige autoconhecimento para ter uma vida em equilíbrio com o seu potencial de natureza; saber que a construção de um professor requer compreensão pessoal, trabalho prático, estudo contínuo e compartilhar com seus colegas docentes.

4 Considerações Finais

Relatar como professores do Ensino Superior, com formação no método ontopsicológico

desempenham suas atividades de sala de aula, foi o objetivo geral deste trabalho. A análise referente aos resultados evidencia que, possivelmente, muitos professores em serviço não atingem os objetivos almejados pela falta de conhecimento de suas potencialidades humanas.

O estudo mostra que essas situações não fazem parte do cotidiano dos participantes da pesquisa, visto que demonstram compreender com habilidade as ‘armadilhas’ comuns de sala de aula. Esse fato permite concluir que não é possível analisar isoladamente as atitudes comportamentais dos alunos, sem examinar concomitantemente, o modo de agir do professor.

A partir das análises dos dados encontrados, tem-se que o conhecimento, principalmente das três descobertas da Ontopsicologia, fornece o fundamento epistêmico que permite ao professor a leitura de todas as informações que a vida transaciona. Informações que ampliam a consciência de si e possibilitam a liberdade de escolha para aprimorar sua vida pessoal e profissional. Com uma maior compreensão sobre a sua pessoa favorece e estimula o desenvolvimento formativo dos seus alunos e do contexto em que se encontra.

Para fazer uso do método ontopsicológico no Ensino Superior, os participantes da pesquisa demonstraram ter clareza de que a aplicação do método só acontece se o professor vive o conhecimento. Ou seja, os conhecimentos devem ser utilizados na prática da vida diária e profissional. O caráter prático desse conhecimento teórico deve estar demonstrado na conduta do professor, decorrente de seu estilo de vida. O professor com uma percepção egoceptiva coincidente com a percepção proprioceptiva torna-se um elo entre o aluno e o conhecimento e

gera momentos de ensino com habilidade e destreza de um mestre. É uma tentativa de auxiliar na formação do aluno, não só por meio de conteúdos teóricos e técnicos, mas também formar um ser humano dono da própria vida, responsável pelos seus atos em relação a si mesmo e ao contexto socioambiental e biológico do qual faz parte.

Assim, na visão dos pesquisados, a aplicabilidade do método em questão permite ao professor, melhorar a si mesmo e compreender a dinâmica da aula o que torna mais prática a gestão do ensino.

Com a aplicação do método ontopsicológico o professor objetiva levar o aluno à tomada de consciência da sua condição humana, das suas potencialidades, da responsabilidade consigo e realizar para si mesmo, com autonomia e contribuir com a sociedade. A aplicação desse método pressupõe um professor pesquisador exato na sua ação, para ter a acuidade na utilização das informações colhidas do decorrer da aula. Ou seja, o professor tem a possibilidade de fazer a leitura, momento a momento, por meio da compreensão das informações colhidas por campo semântico e identificar aquilo que possibilita alcançar o sucesso da aula.

Este método dá a indicação da ação constante, no aqui e agora e assim, a verificação da ação acontece no decorrer do processo, ou seja, implica em um conhecimento que habilita o professor a ser um promotor de autonomia e responsabilização do aluno. Compreender a si mesmo permite compreender a dinâmica do humano. Isso não significa que o professor vai fazer um processo terapêutico com os alunos, mas auxilia na condução da dinâmica da aula.

Portanto, com a formação no método ontop-

sicológico, o educador adquire instrumentos que lhe permitem ultrapassar a reflexão e estar em constante reflexão-ação a cada novo fazer que coloca em prática. Ao agir compreende de imediato o retorno das reações, o que lhe possibilita a nova ação em conformidade com a realidade referente ao momento, naquele contexto. Os pesquisados são professores que colhem as informações que impactam e verificam a sua utilidade, identidade e funcionalidade ao momento presente. Esses aspectos tornam-se evidentes nos resultados da pesquisa e representam um avanço de aplicação prática no ensino superior.

Referências

- ARROYO, M. G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BEHRENS, M. A. **Paradigma da complexidade: metodologia de projetos, contratos didáticos e portfólios**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- DARÓS, L.; TESCAROLO, R. **Aprendizagem e conhecimento: conexões planetárias**. *Diálogo Educação*, Curitiba, v.7, n.20, pp. 133-141, jan./abr. 2007.
- DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC: UNESCO, 2001.
- LIMA, V. M. do R.; GRILLO, M. C. O fazer pedagógico e as concepções de conhecimento. In: GRILLO, M. C. et al. (org.). **A gestão da aula universitária na PUCRS**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. pp. 22-32.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

- MASINI, E. F. S. Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. In: FAZENDA, I. (org.). **Metodologia da pesquisa em educacional**. São Paulo: Cortez, 2010. pp. 65-74.
- MENDES, A. M. **Método para a gestão do conhecimento em Iniciação Científica segundo os pressupostos da Ontopsicologia**. 2009. 173f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- MENEGHETTI, Antonio. **Genoma ôntico**. Roma: Psicologica Editrice. 1997.
- MENEGHETTI, Antonio. **Princípios de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2001.
- MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2004.
- MENEGHETTI, Antonio. **Nova Fronda Virescit**. Introdução à Ontopsicologia para jovens. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2006. v.1.
- MENEGHETTI, Antonio. **Pedagogia Ontopsicológica**. 2. ed. Roma: Psicologia Editrice, 2007.
- MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.
- MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. rev. e atual. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.
- MORIN, E.; CIURANA, E. R.; MOTTA, R. D. **Educar na era da planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana**. São Paulo: Cortez, 2003.
- MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2004.
- MOREIRA, M. A. **Mapas conceituais e aprendizagem significativa**. São Paulo: Centauro, 2010.
- NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.
- NÓVOA, A. Professores imagens do futuro presente. **Lisboa: Educa**, 2009. Disponível em: <http://www.slideshare.net/mzylb/antonio-novoa-novo-livro>. Acesso em: 10 set. 2015.
- SÁNCHEZ GAMBOA, S. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto. In: FAZENDA, I. (org.) **Metodologia da pesquisa educacional**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010, pp. 101-130.
- SCHWANDT, T. A. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: Interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: DENZIN, N. K. et al. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2006.
- SPANHOL, C. I. D.; BOER, N. Dimensão humana na educação: caminho necessário à formação docente. In: **Congresso Nacional de Educação, 10. Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação**, 1., 2011, Curitiba. Anais. Curitiba: PUCPR, 2011, pp. 8127-8139.
- SPANHOL, C. I. D.; BOER, N. Método Ontopsicológico: contribuições à formação continuada na perspectiva de professores do ensino superior. **Saber Humano**. Recanto Maestro, v.5, n.7, pp. 53-69, jul./dez. 2015.
- SPANHOL, C. I. D. **Significados e sentidos da formação continuada, segundo o método ontopsicológico: um estudo com professores do**

Ensino Superior. 2013. 225f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidad del Mar, Viña del Mar, Chile, 2013.

TAYLOR, S. J.; BOGDAN, R. **Introducción a los métodos cualitativos de investigación**. 2. ed. Barcelona: Paidós, 1987.

VASCONCELLOS, M. M. M.; OLIVEIRA, C. C. de. Docência na Universidade: compromisso profissional e qualidade de ensino na graduação. **Educação**, Santa Maria, RS, v. 36, n. 2, pp. 219-234, maio/ago. 2011.

VIDOR, A. **Fenomenologia e Ontopsicologia: de Husserl a Meneghetti**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

WAZLAWICK, P. Percorso filosofico dalla fenomenologia di Husserl al nesso ontologico di Antonio Meneghetti: L'uomo è in grado di conoscere? **Nova Ontopsicologia**, Roma: v.30, n.2, pp. 88-101, ago. 2013.

ZABALZA, M. A. **O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.